

Dólar a R\$ 6 após pacote de Lula alimenta inflação, já alta no atacado

# Dólar a R\$ 6 após frustração com pacote atíça a inflação, que ganha força no setor de atacado

Índice começou ano com deflação de 6,31% e chegou a 6,32% positivos em outubro com impacto do câmbio; elevações afetam de commodities a produtos metálicos e já influenciam preço de alimentos industrializados

Fernando Canzian

SÃO PAULO A frustração do mercado financeiro com as medidas anunciadas na quinta (28) pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para minimizar a atual crise fiscal levou o dólar a R\$ 6 e agravou um quadro que já preocupava: o forte impacto que a moeda norte-americana vem tendo na inflação no atacado, que eventualmente chegará aos consumidores, e nas expectativas futuras de novos aumentos de preços.

Acompanhando de perto a valorização do dólar em 2024, de 22%, o IPA (Índice de Preços por Atacado) calculado pela FGV inverteu completamente a tendência neste ano. De uma deflação de 6,31% em janeiro, a taxa atingiu 6,32% positivos em outubro. Isto antes disparada do dólar em novembro, com alta de 5% no mês.

Entre os itens com as maiores elevações constam vários impactados diretamente pela moeda dos EUA, como commodities agrícolas (soja e milho, por exemplo) e metálicas cotadas no mercado internacional, além de matérias-primas para o agro (como fertilizantes).

A alimentação em geral no IPA saiu de uma deflação de 1,35% em janeiro para alta de 9,53% em outubro. Embora o aumento também tenha sido impulsionado por eventos climáticos que impactaram recentemente as carnes, a variação de preços de matérias-primas para o agro disparou. Saiu de -14,25% em janeiro para 16,48% em outubro.

Os bens finais (prontos para o consumo, de eletrônicos a produtos de limpeza) também partiram de uma pequena deflação no atacado em janeiro para uma alta de 5,58% em outubro, pressionados por materiais mais caros, muitos deles indexados ao dólar.

"Tivemos uma valorização forte do dólar e isso tem impacto, sem dúvida nenhuma. Numa situação de economia e emprego aquecidos como a atual, o mercado consegue repassar aos preços esse maior custo cambial", diz Guilherme Moreira, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe).

Quando a demanda não é tão forte, preços no atacado não necessariamente chegam aos consumidores porque fornecedores e compradores acabam estreitando margens de lucro para vender e comprar. Mas quando o mercado sanciona preços maiores, os repasses acontecem.

Neste ano, a economia caminha para crescer cerca de 3,5% e o desemprego em outubro caiu a 6,2%, menor taxa da série do IBGE. Na contramão, o real foi a moeda que mais se desvalorizou entre os 23 emergentes no índice

de Morgan Stanley Capital International (MSCI). Em média, juntas elas perderam 0,31% do valor em relação ao dólar — ante os 22% do real.

"A dúvida é se o dólar volta a cair. Pelo que temos visto, o mercado acredita que não vai ter devolução dessa valorização. Ao menos uma boa parte fica, o que possibilita um espalhamento maior da inflação para outras áreas."

Moreira afirma que o impacto cambial já afeta, por exemplo, alimentos industrializados, dependentes de produtos químicos e metálicos para embalagens. "Nos alimentos in natura, se algo sobe um mês por questão climática, pode ser revertido adiante. Mas quando isso chega aos industrializados pelo câmbio, a coisa vai ficando séria", diz.

O grupo alimentação tem peso equivalente a 25% do índice da Fipe, o maior individualmente. "Cinemas as pessoas cortam, mas não dá para parar de comer. AI, os pobres acabam mais afetados."

André Braz, coordenador dos índices de preços da FGV Ibre, pondera que, até outubro, os principais núcleos de inflação — não do atacado, e que excluem preços com maior volatilidade — têm variações acumuladas em 12 meses entre 3,46% e 4,15%.

Para comparar, os núcleos estão próximos da meta do Banco Central, de 3% em 2024, com margem até 4,5%. Mas a meta não leva em conta núcleos, mas a inflação geral medida pelo IPCA. Em 12 meses, o IPCA-15, prévia da inflação de novembro, subiu 4,77% — acima da meta.

"Temos um mercado de trabalho aquecido, que mantém alta a inflação de serviços [5% em 12 meses] e um pessimismo maior em relação ao futuro, com gatilhos inflacionários cada vez mais frequentes", diz Braz. Além da escalada do dólar, há a recorrência de crises climáticas que podem afetar preços de alimentos.

Economistas defendem que a política fiscal seja mais restritiva para ajudar o Banco Central a controlar a inflação com doses menores de juros. Mas o que se viu no dia do lançamento do pacote pelo governo foi o aumento do pessimismo.

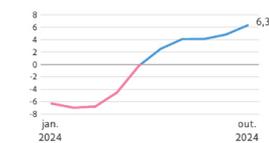
Para José Márcio Camargo, economista chefe da Genial Investimentos, o problema com o dólar em alta é que ele não se limita a atíçar a inflação presente, mas impacta nas expectativas futuras. "As pessoas olham para isso e sabem que haverá pressão sobre os preços, e as expectativas de inflação estão se descolando muito rápido da meta do BC."

Em sua opinião, para além da alta do dólar, esse descolamento tem a ver com "a credibilidade do Banco Central". "Haverá uma mu-

## Com dólar subindo, deflação vira inflação alta em 2024

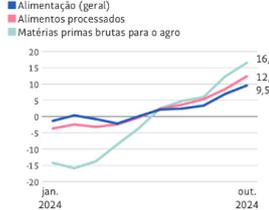
Índice de Preços por Atacado - todos os itens

Acumulado em 12 meses, em %



## Alimentos e matérias brutas para o agro disparam

Acumulado em 12 meses, em %



## Bens finais sobem pressionados por matérias primas

Acumulado em 12 meses, em %



## Dólar tem forte valorização em 2024

Cotação ao fim de cada mês, em R\$



22% foi a alta do dólar em 2024

Fontes: FGV e Banco Central



Em menos de um ano, passamos de um dólar abaixo de R\$ 5 para R\$ 6. Isso ocorre porque não faz sentido, como se projeta, termos um aumento superior a 12 pontos na relação dívida/PIB em condições normais de uma economia, sem choques, como foi o caso da pandemia

Sergio Vale economista-chefe da MB Associados

84,1%

é a relação dívida/PIB do Brasil projetada pela Instituição Fiscal Independente para 2026

4,77%

é a inflação acumulada nos últimos 12 meses na medição pelo IPCA-15, acima do teto da meta para o IPCA

dança de comando no fim do ano, com a entrada do [Gabriel] Galvão. Ele vai estancar essa perda de credibilidade com um choque maior de juros ou vai deixar a coisa correr? Isso está na cabeça de todo mundo", afirma.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, afirma que a valorização do dólar ao longo de 2024 ocorreu em grande medida devido à desconfiança do mercado na capacidade do governo de ajustar suas contas e de controlar o aumento da relação entre a dívida bruta e o PIB.

"Em menos de um ano, passamos de um dólar abaixo de R\$ 5 para R\$ 6. Isso ocorre porque não faz sentido, como se projeta, termos um aumento superior a 12 pontos na relação dívida/PIB em condições normais de uma economia, sem choques, como foi o caso da pandemia", afirma.

A Instituição Fiscal Independente, órgão do Senado, projeta a relação dívida/PIB crescendo de 71,7% para 84,1% ao longo do governo Lula 3. Vale afirma que o dólar mais caro já é incorporado nas planilhas das empresas para 2025, o que leva a reajustes de preços. Para ele, quanto mais durar a crise fiscal, mais duras terão de ser as medidas deste governo ou do próximo, com impacto social maiores.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 13